

# A IGREJA CATÓLICA É RICA?



Revista: "PERGUNTE E RESPONDEREMOS"

D. Estevão Bettencourt, Osb

Nº 532, Ano 2006, p. 479

(Pe. Pio Milpacher)

**Em síntese: O artigo dissipa o preconceito de que a Igreja Católica é rica em virtude de ganância e outros vícios. A Igreja tem enormes responsabilidades desempenhadas por pessoas que se põem totalmente a serviço de Cristo e precisam de ser remuneradas. Ademais os tesouros de arte do Vaticano não são como o dinheiro nos Bancos a render juros; ao contrário, são bens que exigem manutenção caríssima.**

**O Pe. Milpacher, benemérito por seus trabalhos apostólicos, difundiu via Internet um artigo que vai abaixo transcrito, pois responde a uma questão frequentemente formulada pelo grande público.**

**A IGREJA CATÓLICA É RICA?**

**Entre todas as teorias de conspiração acerca da Igreja Católica, a afirmação de que ela seria uma potência financeira é das que mais subsiste em nossos dias e é habitualmente utilizada pelos seus detratores. Seria mesmo a Igreja Católica uma instituição bilionária, portentosa de riquezas, à qual bastaria vender todos os seus supostos tesouros para com isso acabar com a pobreza dos povos? O Óbolo de São Pedro... O que é isso? É a coleta que será feita uma vez por anos em todas as Igrejas para ajudar a manutenção da Cúria Romana.**

**"Como? O Vaticano não é rico?" - Sim e não! É rico de igrejas, ornamentadas com obras de arte de valor enorme, de museus igualmente cheios de doações feitas por reis, príncipes, grande artistas e benfeitores da humanidade, que doaram objetos preciosos à Igreja em reconhecimento a Deus por graças recebidas.**

Mas não são bens comerciáveis! Um dia (logo depois da guerra mundial) o Cardeal de Milão necessitava de dinheiro para reconstruir as igrejas da cidade, devastadas pelos bombardeios. Foi pedir empréstimos aos Bancos. Os banqueiros perguntaram quais bens a diocese tinha para hipotecar em caso de não restituição do empréstimo. O Cardeal era um homem santo, mas entendia pouco de negócios comerciais; ofereceu hipotecar o domo de Milão. Uma catedral maravilhosa, de valor inestimável! Os banqueiros responderam: "Não é um bem comerciável! Quem a compraria? Tem só despesas de manutenção!".

Os tesouros de arte do Vaticano, não são como o dinheiro nos Bancos, que dão renda; são bens que exigem manutenção caríssima! As ofertas dos turistas que os visitam, devem ser empregadas para conservação e restauro destes tesouros. Quem entra nas igrejas antigas de S. Paulo, Omo a de S. Francisco, admira toda aquela decoração de madeira trabalhada artisticamente. Mas terá observado que desde anos estão técnicos trabalhando sobre os andaimes para salvar a madeira do cupim, da umidade, da poluição do ar, restaurá-la e refazer as pinturas. E não é qualquer biscateiro que sabe fazer um trabalho semelhante!

No Vaticano trabalham mais de dois mil empregados: guardas, porteiros, faxineiras, funcionários das congregações romanas, que devem atender ao governo de um bilhão de católicos, coordenação de milhares de institutos religiosos, dioceses, seminários...

São em número menor do que os funcionários da prefeitura de Osasco; mas eles também não vivem de ar; devem ser pagos serviço que prestam. Se servirem ao povo católico do mundo inteiro, é justo que os católicos contribuam ao sustento.

O mesmo argumento vale para as dioceses. O Bispo e a cúria diocesana trabalham para o povo da diocese; devem ser mantidos pelo povo, como o seminário que prepara os futuros padres. O povo contribui com o dizimo e as coletas. Por isso as paróquias dão a coleta do dia de São Pedro à manutenção da igreja universal e dez por cento da arrecadação mensal à manutenção da diocese e do seminário. É justo que seja assim.

Mas somente em parte. O Estado deveria ajudar! Um dia, explicando a um operário que o Estado não ajuda em nada a igreja, ficou pasmado: "Como? A Igreja que prega a honestidade, educa as novas gerações a evitar os vícios, prepara os jovens a formar famílias honestas e firmes, não recebe nenhuma ajuda do Estado? Não faz um serviço público?" Eu lhe respondi que o Estado não ajuda a igreja, nem quer ensino religioso nas escolas porque os anticlericais dizem que não todos os cidadãos têm religião. O homem rebateu:

"Mas, se é por isso, o Estado não deveria financiar o carnaval, porque muitos preferem ir à praia em lugar de ver o desfile, nem deveria asfaltar as ruas de Vila Nova, porque não servem aos habitantes de Vila Velha! Dizer que a religião não se ajuda porque não todos a praticam é um argumento estúpido!"

Reconheci que o homem tinha razão. E lhe expliquei: "Na instituição da República os anticlericais disseram esta besteira. Nós engolimos, porque é um mal menor do que o antigo padroado, quando o Rei ajudava, mas se arrogava o direito de nomear os Bispos, exigindo que tapassem a boca dos padres, para que não protestassem contra a escravatura, o massacre dos índios, as roubalheiras dos políticos. É injusto que o Estado doe terreno para obras de lazer e não para construir igrejas e salas de catecismo.

**Mas, se desde um século temos aqui Bispos de grande valor e desde quinhentos anos no Vaticano se sucedem Papas maravilhosos, é porque a igreja ganhou a liberdade de escolher os melhores, sem a interferência dos políticos. A liberdade para a Igreja não tem preço!" - O homem entendeu e achou justo que o povo ajude a sustentá-la!**

**Ao Pe. Pio a gratidão de PR!**

**Estevão Bettencourt O.S.B.**

A riqueza do Vaticano não pode ser analisada em termos absolutos, mas comparada com os outros Estados; nesse sentido é o menor orçamento entre as nações.

Entrevista com John L. Allen Jr, vaticanista, é o correspondente da NCR. Alguns dados retirados da entrevista:

O orçamento anual do Vaticano é de US\$ 300 milhões; 50% deste orçamento vem de doações; a avaliação das propriedades do Vaticano deveria se aproximar dos US\$ 500 milhões; nos Estados Unidos, a Universidade de Notre Dame – tem um orçamento operativo de mais de US\$ 1 bilhão - isto é, pode financiar o Vaticano três vezes.

Entrevista com John L. Allen Jr.

A reportagem é de Andrew Chernin, publicado na revista “Qué pasa” e no sítio “Religión Digital”, 31-10-2009. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Como a Igreja e a Santa Sé se financiam?

O orçamento anual do Vaticano é de US\$ 300 milhões. Basicamente, eles têm três fontes de renda: a primeira são as doações de igrejas locais e conferências de bispos em todo o mundo. As paróquias são obrigadas a entregar dinheiro às dioceses, e as dioceses são obrigadas a entregar dinheiro para o Vaticano.

Qual é a segunda?

Os investimentos. Em 1929, a nova República italiana pagou ao Vaticano uma enorme quantia por todas as propriedades que ela lhe havia confiscado. Essa quantidade, que hoje seriam de várias centenas de milhões de dólares, foi investida em uma carta de investimentos de bônus e ações que ainda existe e que, a cada ano, entrega renda ao Vaticano.

Resta a última.

O Vaticano é dono de cerca de 700 propriedades, principalmente em Roma, mas também em toda a Itália. Muitas delas são arrendadas a companhias e a pessoas, como lojas ou departamentos. Então, a cada ano, há dinheiro que chega por esse caminho.

Isso é suficiente?

Todo ano, em geral, eles andam muito apertados com esse orçamento, e não se sabe se ganharão o suficiente para pagar os gastos do Vaticano.

Isso é suficiente?

Todo ano, em geral, eles andam muito apertados com esse orçamento, e não se sabe se ganharão o suficiente para pagar os gastos do Vaticano.

Falo das doações. São muito fundamentais?

Cobrem 50% do orçamento anual. As outras duas contribuem com 25% cada.

Em quanto estão avaliadas as propriedades?

O Vaticano diz que seu patrimônio, que inclui bens raízes, chega a US\$ 770 milhões. O grosso dessa cifra são as propriedades. Então, no total, a avaliação deveria se aproximar dos US\$ 500 milhões.

Eles estão com números vermelhos ou azuis?

Desde o final da década de 70 até o começo dos 90, eles estavam com números vermelhos quase todos os anos. Depois, chegou um cardeal norte-americano de Detroit encarregado da operação financeira, que era conhecido por ser alguém habilidoso com o dinheiro. Ele corrigiu o déficit, e eles obtiveram números azuis por vários anos. A partir daí, veio uma crise financeira, e voltaram a ter números vermelhos, mesmo que o déficit não tenha sido muito grande. Em geral, a Igreja não obtém excedentes significativos.

Então não se poderia dizer que a Igreja é rica.

Eu colocaria desta forma: o orçamento operativo da Igreja é de US\$ 300 milhões. Nos Estados Unidos, a Universidade de Notre Dame – que é a maior universidade católica do país – tem um orçamento operativo de mais de US\$ 1 bilhão. Isto é, pode financiar o Vaticano três vezes. O patrimônio do Vaticano – quase US\$ 800 milhões – é semelhante ao que é entregue às organizações sem fins lucrativos dos Estados Unidos como doação. Meu ponto é que, se medirmos pelos padrões das organizações sem fins lucrativos, o Vaticano não é particularmente rico. O que acontece é que, diferentemente das organizações sem fins lucrativos – em que o item que absorve mais capital é o pagamento de salários –, no Vaticano, a maioria dos “empregados” são sacerdotes ou freiras que ou não recebem salário ou paga-se-lhes o mínimo.

Essa é a forma pela qual o Vaticano pode manter as coisas andando com um orçamento que, no mundo das organizações sem fins lucrativos, seria considerado bastante modesto.

Qual é o departamento encarregado das finanças da Santa Sede?

A Prefeitura dos Assuntos Econômicos.

Como ela funciona?

Um cardeal – Sergio Sebastiani – é o presidente emérito. Ele tem uma junta de consultores. Além disso, existe um conselho de cardeais que assessora a Prefeitura na administração financeira. Esse conselho, por sua vez, tem uma junta de consultores que são profissionais financeiros, especialistas em investimentos etc.

Que perfil tem a pessoa que chega a esse cargo?

O Papa o nomeia. Quase sempre é um bispo italiano veterano que tem reputação de saber lidar com o dinheiro. Informalmente, se subentende que deve ser italiano porque há muita interação com o sistema bancário desse país.

Como você descreveria a atual gestão?

São imensamente conservadores. Fazem investimentos de muito baixo risco. Sei que, muitas vezes, foi frustrante para os cardeais que proveem especialmente dos Estados Unidos e da Europa, porque a Santa Sé demora em adotar algumas das práticas básicas para a administração e investimentos que são usadas em outras partes do mundo. Eles publicam um balanço financeiro anual. Mas não é divulgado. Não há uma auditoria independente das finanças. Ao longo dos anos, muitos cardeais queixaram-se privadamente comigo de que obteriam melhores retornos de investimento se pudessem atrair pessoas externas que tomassem decisões responsáveis, mas ligeiramente mais audazes.

O problema passa pela modernização, então.

É preciso entender que isso é o Vaticano. O problema de fundo, acredito, é que se trata de uma instituição cuja aproximação ao dinheiro é pré-moderna.

Em que sentido pré-moderna?

Anterior às práticas modernas de contabilidade. Que não se sente confortável com estratégias de investimento do século XXI. Estamos falando de uma aproximação ao dinheiro que se formou na Alta Idade Média. No entanto, estão lidando com católicos de todo o mundo, que têm sim altas expectativas enquanto a transparência, gestão e responsabilidade.

Fonte: Canção Nova